

## O SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS RELEMBRADO NA FICÇÃO DE ANTÔNIO TORRES

VANIA PINHEIRO CHAVES\*

O renomado escritor baiano Antônio Torres tem produzindo ao longo dos anos importante obra de ficção com estreitos vínculos à História do Brasil e à memória que ele mesmo guarda do seu povoado natal – *o Junco* –, hoje cidade, com o nome infelizmente mudado para Sátiro Dias<sup>1</sup>. Ao seu primeiro romance – *Um cão uivando para a lua* –, publicado em 1972 e recebido com entusiasmo pelo público e pela crítica, juntam-se até agora mais dez, com inúmeras reedições e traduções<sup>2</sup>, além de alguns livros de crônicas e narrativas para jovens e crianças<sup>3</sup>.

---

\* Doutora pela Universidade de Lisboa. Investigadora do CLEPUL.

<sup>1</sup> A história de vida de Antônio Torres está na raiz da sua profissionalização como escritor. Como ele próprio conta, descobriu a sua vocação literária nos tempos da escola primária, ao recitar em praça pública poemas de Castro Alves, tendo contribuído igualmente para essa inclinação a ajuda que dava ao padre na missa e a escrita de cartas para os moradores, em boa parte analfabetos, do seu povoado natal. Ainda jovem, Antônio foi trabalhar em Salvador como jornalista do *Jornal da Bahia* e depois em São Paulo como publicitário. Em busca de novos horizontes, viveu em Portugal na década de 60, onde também trabalhou numa agência de publicidade. Atualmente é curador da *Nuvem de Livros*, biblioteca *on line* que disponibiliza mais de dez mil conteúdos e arquivos educacionais. Desse brevíssimo apanhado biográfico pode-se concluir que a palavra, a escrita, a literatura sempre foram o centro da vida de Antônio Torres, eleito em 2013 para a Academia Brasileira de Letras.

<sup>2</sup> Traduções de seus livros existem na Argentina, em Cuba, Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha, Itália, Holanda, Inglaterra, Israel, Bulgária e Vietnã, estando previstas outras na Albânia, Romênia, Paquistão.

<sup>3</sup> Obras: *Um cão uivando para a lua* (1972); *Os homens dos pés redondos* (1973); *Essa terra* (1976); *Carta ao Bispo* (1979); *Adeus, Velho* (1981); *Balada da infância perdida* (1986); *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991); *O Centro das nossas desatenções* (1996); *O cachorro e o lobo* (1997); *O Circo no Brasil* (1998); *Meninos, eu conto* (1999); *Meu querido canibal* (2000); *O nobre sequestrador* (2003); *Pelo fundo da agulha* (2006); *Minu, o gato azul* (2007); *Sobre pessoas*

A realidade baiana de que Antônio Torres foi testemunha deixou marcas profundas na sua obra. A lembrança dessas vivências não se restringe à trilogia formada por *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), atravessando muitos dos seus escritos e enformando a sua visão de mundo. Em *Essa terra*, como procurei demonstrar num ensaio já antigo, o escritor inaugurou, na literatura brasileira, a representação de um «novo» sertão<sup>1</sup>, que, no entanto, mantinha algumas de suas características essenciais, entre as quais a necessidade de a sua população partir em busca de melhores condições de vida, com consequentes sentimentos de perda e de irreparável solidão.

A essa temática fulcral na ficção de Antônio Torres – que reflete tanto a sua história pessoal como o seu conhecimento profundo do universo sertanejo da Bahia –, juntam-se outras também de natureza histórica, tais como a do exílio voluntário do protagonista de *Os homens dos pés redondos* (1973) no Portugal salazarista<sup>2</sup> ou a dos conquistadores portugueses e franceses do território brasileiro, nos tempos coloniais. Estas últimas ganharam expressão em *Meu querido canibal* (2000) e *O nobre sequestrador* (2003), narrativas em que o próprio autor, assumidamente pós-moderno, viaja também em busca do vivido por suas personagens históricas.

A crônica que a seguir se publica foi originalmente apresentada na Primavera dos Livros de 2007, de que Antônio Torres foi patrono, por escolha da Liga Brasileira de Editoras.<sup>3</sup> Para a iniciativa, que teve lugar Museu da República – antigo Palácio do Catete –, entre 29 de novembro e 2 de dezembro de 2007, foi-lhe solicitado pela Ibis Libris um texto. O local em que o evento iria

---

(2007).

1 Vd. CHAVES, Vania Pinheiro, “Um novo sertão na Literatura Brasileira: *Essa Terra*, de Antônio Torres”. *Boca Bilingüe* n° 6/7. Lisboa, Embaixada de Espanha/Instituto Espanhol de Lisboa, junho-dezembro, 1991, pp. 15-21. Republicado em TORRES, Antônio, *Essa Terra*. 15ª ed, Rio de Janeiro, Record, 2001, pp. 173-188.

2 Vd. CHAVES, Vania Pinheiro, “*Os Homens dos Pés Redondos*: uma alegoria do Portugal salazarista”. in *Au carrefour des littératures brésilienne et portugaise: influences, correspondances, échanges (XIX-XX siècles)*. Paris, Ed. Lusophone, 2006, pp. 275-295.

3 Associação de interesse público, sem fins lucrativos, a LIBRE é a entidade que reúne e representa as editoras independentes de todo o Brasil.

decorrer alertou o escritor para o fato de que, em 1954, ali havia posto fim à vida o então Presidente Getúlio Vargas e, como ele próprio refere, lhe deu o tema para o texto que lhe fora encomendado:

Aí me lembrei do trágico fim de Getúlio Vargas e de tudo o mais que escrevi na crônica, que foi publicada pela Ibis Libris, com uma ótima pesquisa iconográfica. O volumezinho foi posto à venda naquela feira e, posteriormente, distribuído às livrarias do Rio. A circulação foi pequena, sim. Mas o livrinho está disponível, junto com outros títulos da Ibis Libris, na biblioteca on-line Nuvem de Livros.

Uma vez que a referida crônica não foi incluída pelo autor nas obras que posteriormente editou e que foi pequena a sua circulação, a revista *Historiae* sente-se honrada em poder divulgá-la junto da comunidade acadêmica, neste número dedicado às relações da História e da Literatura.

Como se pode ler na crônica abaixo transcrita, Antônio Torres recupera, mais uma vez, a História do Brasil através da pequena história do seu Junco natal e das suas vivências infantis. Em linguagem simples e fluida, a que não é alheia a poeticidade, o escritor retoma o dia em que o Presidente Getúlio Vargas se suicidou, ao narrar os efeitos perturbadores deste trágico e histórico acontecimento no seu povoado – ainda pouco integrado na vida da nação – e nos ritos do seu próprio cotidiano. Embora muito breve, a narrativa revela, no menino que o autor ainda era, um peculiar interesse pela coletividade, próxima ou distante, a que pertencia e um olhar atento voltado para as criaturas com as quais convivia. Nas atitudes e nas reflexões daquele menino ganham forma aspectos essenciais da obra literária de Antônio Torres.

## Do palácio do Catete à venda de Josias Cardoso

Antônio Torres

*24 de agosto de 1954.*

*Estávamos muito longe do Palácio do Catete, onde um tiro fizera o país tremer. Mas não foi pela distância que não o ouvimos. Foi por vivermos numa casa de roça, sem rádio e sem notícias das terras civilizadas.*

*Nesse dia, como sempre, o pai acordou com o canto dos galos e dos passarinhos. E fez o que o seu dever mandava: chamou os filhos, um a um, em ordem decrescente, do mais velho ao caçula. Puxou a ladainha, atento às vozes que o acompanhariam, no ritual de todo o amanhecer:*

*– Kyrie eleison.*

*– Christe eleison.*

*Mesmo sem entendê-las, achávamos bonitas as palavras que recitávamos solenemente, em alvíssaras a mais um dia que desejávamos abençoado por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santa Mãe e todos os santos do céu, amém. Depois, aos meninos maiores caberia pular das camas e se arrumar para a escola, que ficava na rua – como o povoado era chamado -, dali a uma boa caminhada.*

*E lá fomos nós ao reencontro da turma, com o coração em festa. A escola significava também isto: convívio. E bate bola na hora do recreio. Oba!*

*Naquele dia, porém, iríamos bater era com a cara na porta. O prédio escolar encontrava-se fechado. Coisa boa não podia ser. Felizmente a professora não demorou a aparecer, desfazendo nossos temores em relação a ela, que avisou: as aulas estavam suspensas durante oito dias, em respeito ao falecimento do presidente da República.*

*– Todo o Brasil está de luto – ela explicou.*

*E mais não disse, mantendo a informação em seus devidos limites. Como boa cristã, senhora ajuizada, e tudo o mais que se exige de uma educadora, ela não iria alardear para crianças a causa mortis do primeiro mandatário da nação. Nem mesmo de forma eufemística:*

*– Cometeu o tresloucado gesto ...*

*Ali, qualquer menino ou menina com um mínimo de entendimento sabia o quanto um suicida podia perturbar o sono dos vivos. Opróbrio*

*post-mortem, ao corpo daquele que atentava contra a própria vida era negado o direito de ser levado à igreja, significando isto a condenação pública da sua alma às trevas sepulcrais, sem pouso ou sossego, enquanto lhe restasse tempo de vida a cumprir na Terra.<sup>4</sup>*

*Não era em tais crenças que eu estava pensando naquela manhã, enquanto procurava uma aglomeração de adultos, para assuntar os acontecimentos, a me perguntar como, assim de repente, a professora fora informada da morte do presidente e do luto nacional, a ser respeitado até naquelas brenhas esquecidas nos confins do tempo, a quase dois mil quilômetros de distância da capital federal, e aonde o correio só chegava de oito em oito dias, no lombo de um burro. Tudo seria esclarecido na venda de Josias Cardoso. Ali, entre o cheiro de pão de milho recém-saído do forno, creolina e cachaça, o ambiente era de velório. De pé, ao balcão, ou sentados em engradados, caixotes e tamboretas, os bêbados de sempre se transformavam nos seres mais tristonhos do mundo. Num extraordinário ato de contrição ouviam, mudos, um rádio movido a bateria de caminhão noticiar bombasticamente que Getúlio Vargas havia se matado com um tiro no peito, disparado de um Colt calibre 32, de acabamento niquelado, e em cuja coroa reluziam placas de madreperla. E se condoíam até as lágrimas com as últimas palavras de Vargas, em sua carta-testamento, que se tornaria célebre:*

*– Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.*

*A venda ia se enchendo. Era como se, de uma hora para a outra, todo aquele lugar fosse incondicionalmente getulista. Mas não. Difícil era encontrar uma só casa de roça que não tivesse o cartazete com a foto de Cristiano Machado ao lado de um boi. Naquele mundo de pequenos proprietários rurais houve uma identificação maior com o candidato à presidência pelo PSD (o Partido Social Democrático) nas eleições de 1950, do que com o gaúcho que cativava as massas de trabalhadores urbanos. Agora os sentimentos eram outros. A trágica morte de Getúlio*

---

4 Este tema foi desenvolvido por Antônio Torres em *Essa Terra*, um dos seus mais conhecidos e prestigiados romances. Nele é acontecimento fulcral o suicídio de Nelo, personagem que põe fim à vida quando regressa ao Junco, após a sua mal sucedida migração para São Paulo. Rememorando esta trágica ocorrência, seu irmão mais novo narra o comportamento preconceituoso dos habitantes do Junco diante do acontecido. A população do povoado inclui crianças, entre as quais o próprio narrador.

*Vargas os fazia oscilar entre a perplexidade e as interrogações. Estaria a mão da grande perdedora em tal pleito, a UDN (União Democrática Nacional), por trás do dedo que apertou o gatilho? Atento à desolação reinante, concentro-me na voz do rádio:*

*– ... esse povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém.*

*Com essas palavras, que ali deixavam todos tocados, Vargas se rendia como um herói. Sua morte, porém, deixava apreensões no ar:*

*– É agora que o comunismo vai tomar conta do Brasil.*

*Comunismo?*

*Eu ainda não sabia o que era isso. E, com certeza, nem o homem na venda de Josias Cardoso, que tanto o temia.*

